



PREFÁCIO

Por volta de meio-dia, na rua que dá acesso à Igreja Matriz de São João, em Saint-Jean-Pied-de-Port, identificando-o por um pequeno broche com a bandeira do Brasil, encontrei aquele que se tornaria o grande companheiro e confidente durante minha segunda peregrinação ao túmulo do apóstolo Tiago, o Maior.

O Caminho não seria apenas um desafio físico para nós. Conversando pela estrada, compreendemos mais tarde que era mais um desafio interno – ele selaria algo mais profundo, algo que não poderia ser apenas uma “competição esportiva”. Meu amigo e eu sentíamos que deveríamos agradecer ao Nosso Senhor por tudo aquilo que havia nos dado na nossa vida, e assim o Caminho foi tendo um sentido completo.

O amigo de que vos falo é o autor deste livro. Por meio da leitura, perceberá o leitor que não se trata de um

guia ou, simplesmente, um diário do Caminho de Santiago de Compostela, mas, sim, o relato de uma experiência rica em desafios, criando e reforçando relações de amizade, dividindo dificuldades, alegrias, emoções, muitas comoções, ao ponto de sentir-se hoje “irmãos e irmãs do Caminho”.

Algumas frases importantes para o peregrino sintetizam este precioso trabalho do Leandro Haach: “O Caminho não termina em Santiago: na tua família, na tua cidade, ali se encontra o teu caminho de testemunho”; e uma segunda: “O turista exige, o peregrino agradece”. Deus vos abençoe e São Tiago interceda por todos.

*Pe. Frederico Gurgel Câmara,
peregrino*



PRÓLOGO

o CAMINHO

Em um povoado próximo a Cafarnaum, situado a nordeste do Mar da Galileia, morava uma família de pescadores. Certo dia, Tiago e seu irmão João consertavam redes no barco, quando Jesus passou por lá e os convidou a segui-lo. Perplexos com a força contagiante daquele chamado, os dois filhos de Zebedeu e Maria Salomé sabiam que seu destino mudaria para sempre – seriam discípulos de Cristo, tornando-se, dali em diante, pescadores de homens.

Os relatos bíblicos dão conta de que o impetuoso Tiago “Maior” – chamado assim para diferenciar-se do outro apóstolo Tiago, o “Menor”, por ser mais novo – gozava de especial confiança e intimidade com Jesus, testemunhando momentos importantes da vida do Mestre,

como a ressurreição da filha de Jairo e o momento da transfiguração. Conta-se que, depois da morte de Cristo, Tiago, assim como outros apóstolos, partiu para pregar o Evangelho em terras distantes. Os indícios e registros apontam que ele escolhera um lugar no Ocidente, os reinos que hoje formam a Espanha, próximo ao Oceano Atlântico. Entretanto, mesmo ele tendo realizado um árduo trabalho na região, a palavra de Cristo não fora aceita com facilidade devido às tradições arraigadas da população da época.

Findado o esforço de espalhar a luz do Evangelho na Espanha, Tiago decidiu retornar a Jerusalém, onde foi perseguido, aprisionado e condenado à morte a mando de Herodes Agripa. Na saída do cárcere, a caminho da execução, ele ainda se deteve para realizar dois milagres: conversão e batismo de seu guarda, um fariseu chamado Josias, e a cura de um paralítico. Depois de morto e esquartejado, teve seus restos mortais recolhidos por dois de seus discípulos, Teodoro e Atanásio, que os trasladaram em uma arca de pedra para serem sepultados em terras ibéricas, na Galícia, fazendo-se cumprir o desejo do apóstolo de Cristo. Isso teria ocorrido entre os anos 40 e 50 da era cristã. Ainda assim, seu túmulo havia de acabar sendo esquecido por quase 770 anos.

Conta a tradição que um monge chamado Pelágio, passando pelo Bosque de Libredón, avistou uma intensa chuva de estrelas, cujo clarão parecia-lhe algum sinal divino, indicando um ponto específico. Intrigado com aquele fenômeno, Pelágio resolvera seguir na direção que as estrelas apontavam. Foi quando encontrou um velho

sepulcro no qual havia inscrições de que lá estavam enterrados o apóstolo Tiago e seus dois discípulos, Teodoro e Atanásio. Sem hesitar, correu para informar o bispo Teodomiro, da diocese de Iria Flávia, acerca dos túmulos encontrados em um *Campus Stellae*, a origem grega da palavra Compostela.

Quando o rei de Astúrias, Alfonso II, tomou conhecimento da descoberta, imediatamente peregrinou até o local e determinou a construção de uma capela de pedra sobre o sepulcro. De acordo com os relatos datados do ano de 840, foi nessa época que começaram as primeiras peregrinações ao campo de estrelas (Compostela).

Reza uma lenda que, dois anos mais tarde, quando as tropas de Astúrias e León enfrentavam os árabes do Reino de Andaluzia, durante a Batalha de Clavijo, o apóstolo Tiago teria sido visto lutando montado em um cavalo branco, empunhando uma espada em forma de cruz, e teria ajudado na vitória dos cristãos. A notícia desse milagre espalhou-se por toda a Europa, o que fez fortalecer e impulsionar a luta pela reconquista da Península Ibérica, ao mesmo tempo que consolidou o início das peregrinações a Compostela.

Desde aqueles tempos longínquos, há mais de mil anos, o Caminho que se faz hoje, saindo de Saint-Jean-Pied-de-Port até Santiago de Compostela, continua seguindo exatamente pela mesma rota medieval que outrora fora percorrida por Carlos Magno, São Francisco de Assis, Santa Isabel de Portugal, pelo papa João XXIII e tantos outros. Em parte, a existência do Caminho deve-se a um sacerdote francês chamado Aymeric Picaud,

que no ano de 1131, por encomenda do papa Calixto II, fez sua peregrinação a Compostela e escreveu o primeiro guia, conhecido como *Codex Calixtinum* – ainda hoje levado em conta na elaboração de novos roteiros que conduzem a Santiago.

A reconquista da Península Ibérica pelos reinos cristãos, depois de cerca de sete séculos (722 a 1492), permitiu que, ao longo desse tempo, fossem sendo erigidas catedrais, igrejas, mosteiros, pontes, albergues, hospitais e boas estradas no Caminho. Um dos objetivos desse intento era oferecer proteção contra os ataques de ladrões e assaltantes. No ano de 1179, buscando manter as peregrinações em segurança, foi criada a Ordem dos Cavaleiros de Santiago, os quais eram encarregados da vigilância da rota pela da Espanha. A Ordem dos Templários, que protegia os lugares santos, passou, mais tarde, a também proteger o Caminho.

Não por acaso, entre os séculos XIII e XV, o número de peregrinos atingiu seu apogeu, chegando o Caminho a ser percorrido por mais de um milhão de pessoas a cada ano. Foi nessa época que o Caminho principal, e mais conhecido pelo grande número de estrangeiros franceses (ou vindos da França), passou a ser chamado de rota do Caminho Francês.

Após a reconquista da Península Ibérica, as ordens militares estavam tão fortalecidas que ameaçavam o poder do Estado, o que teria obrigado a Igreja e os reis católicos a intervirem com força a fim de afastar um suspeito insurgimento contra a nobreza. Por esse motivo, pouco a pouco – e durante muito tempo – a rota que levava ao túmulo do apóstolo Tiago foi caindo no esquecimento.

Na segunda metade do século XX, porém, mais especificamente no final dos anos 1970, surgiu a figura do combativo padre Elías Valiña Sampedro (1929-1989), conhecido como “o cura do Cebreiro”. Intelectual respeitado, formado em Direito e doutor em Teologia, o sacerdote e escritor espanhol tornou-se, em 1959, padre (cura) do Cebreiro, paróquia pertencente ao município de Pedrafita do Cebreiro, situado na Província de Lugo, região da Galícia. Dedicou a vida a promover o Caminho de Santiago e desenvolver o povoado em que atuava – o padre Elías era, sobretudo, um homem de ação. Além de escrever diversos livros e guias de auxílio aos peregrinos, foi o responsável pela recuperação de todo o percurso que levava a Compostela.

Depois de ter estudado com profundidade o traçado original do Caminho Francês, o padre Elías resolveu sair para fazer as marcações da rota, identificando-a desde os Perineus até Santiago. Como não havia muitos recursos, ele pediu ajuda para uma empresa da região – responsável pelas obras das vias públicas –, que gentilmente lhe doou uma sobra de tinta amarela usada para pintar asfalto. Assim, de forma modesta e criativa, nasceu a tradição de pintar as setas de amarelo.

Quando o padre Elías estava trabalhando na marcação do Caminho, próximo de Roncesvalles, dois guardas o abordaram e pediram que explicasse o que estava fazendo. “Preparando uma grande invasão a partir da França!”, respondeu ele, expressando em tom profético algo que viria a se concretizar com o ressurgimento do Caminho. Poucos anos depois, em 1987, o Conselho da Europa outorgou ao Caminho de Santiago o título de

Primeiro Itinerário Cultural Europeu. Mais tarde, no ano de 1993, a Unesco reconheceu-o como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Atualmente, o desejo do padre Elías de que nunca se perdesse o uso das setas amarelas tem sido mantido com a ajuda da população, de simpatizantes e pelo bonito trabalho das associações de amigos do Caminho de Santiago. O título deste livro, de forma singela, busca fazer uma homenagem à história e ao legado do padre Elías Valiña Sampedro.

Há que se reconhecer, contudo, que o escritor Paulo Coelho teve e tem um elevado mérito na divulgação do Caminho de Santiago de Compostela. Depois da publicação de seu livro *O diário de um mago*, ocorreu uma verdadeira explosão de novos peregrinos buscando conhecer o Caminho que leva até o túmulo do apóstolo Tiago.

Eu mesmo posso afirmar que fui influenciado. Lembro, entretanto, que parecia não fazer muito sentido aquela história sobre uma caminhada de mais de 700 quilômetros pelo norte da Espanha. Custava-me acreditar naqueles exercícios e rituais místicos, enquanto o protagonista e seu guia peregrinavam em busca de uma espada, numa travessia que contava com aparições de anjos e demônios.

Na época, fiquei um pouco frustrado. Eu acabara de ler *O alquimista* – ainda estava meio que embriagado com a força e a riqueza universal de sua mensagem. E mesmo diante de todos os sinais, não tinha sido capaz de entender que o livro que narrava a viagem do autor pelo lendário Caminho de Santiago de Compostela trazia

consigo o embrião da fábula do jovem pastor andaluz que sai em busca de seu tesouro no Egito.

Todos buscamos algo. No meu caso, fui fazer o Caminho de Santiago numa tentativa de poder olhar com mais clareza para a vida e para os meus conflitos existenciais. Embora nunca tenha perdido minha fé – a fé genuína que temos em nós mesmos e em Deus –, algo dentro de mim sempre incomodou: a necessidade de conhecer mais sobre mim mesmo. Há alguns anos, tive um sonho enigmático que me acompanhou por muito tempo. Lembro-me de que jogava xadrez com diversas pessoas em uma sala escura. Elas estavam sentadas em pequenas mesas, dispostas em uma linha horizontal, e eu vencia quase todas com facilidade, mas perdia para apenas um oponente. Misteriosamente, com medo ou insegurança, eu evitava olhar e me defrontar com o rosto do homem à minha frente. Depois de algumas partidas, porém, resolvi encarar fundo nos olhos do competidor e quase algoz. Foi quando, atônito, demorei alguns segundos para perceber que aquele adversário era eu mesmo, o único jogador que eu não era capaz de vencer.

Diante de todas as adversidades da vida, nunca me di esforços e jamais perdi a coragem de acreditar na superação dos meus limites. O plano de fazer o Caminho era simplesmente isso: tentar ir ao encontro de mim mesmo.